



ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS

ENSAIOS APB

ANÁLISE DE PARTITURAS

Analúcia Viviani dos Santos Recine

Ensaio APB, n. 47

F1301

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

ANÁLISE DE PARTITURAS

Analúcia Viviani dos Santos Recine

Ensaio APB, n. 47

Rua Maestro Cardim, 94 - Tel/Fax. (011) 285-3831 - Liberdade - São Paulo - SP - CEP: 01323-000

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

ANÁLISE DE PARTITURAS

Analúcia Viviani dos Santos Recine

Ensaio APB, n. 47



**São Paulo
Outubro
1997**

ENSAIOS APB

Coordenação editorial: Oswaldo Francisco de Almeida Júnior

- MELO, José Marques de. Comunicação de Massa x Leitura. 1994. (Ensaio APB, 1)
- MOSTAFA, Solange Puntel. Balcão de Informações: o mercado emergente. 1994. (Ensaio APB, 2)
- TAVARES, Maria Christina de Moraes. Atuação da Biblioteca Infante-Juvenil. 1994. (Ensaio APB, 3)
- MURGIA, Eduardo. A Crise da Informação. 1994. (Ensaio APB, 4)
- OLIVEIRA, Silas Marques de. A Crise dos recursos Humanos em Bibliotecas. 1994. (Ensaio APB, 5)
- BARROS, Maria Helena T. C. de. A Atuação da Biblioteca Escolar: relato de uma crise. 1994. (Ensaio APB, 6)
- DIAS, Maria Cristina Santarém et al. Alternativas para Contornar a Crise da Leitura: uma experiência do ônibus-biblioteca na cidade de São Paulo. 1994. (Ensaio APB, 7)
- FERREIRA, Marta Nosé et al. Projeto "Soma". 1994. (Ensaio APB, 8)
- LARROUDE, Rita Luisa et al. Terceira Idade: relato de uma experiência, 1991-1992. 1994. (Ensaio APB, 9)
- SILVA, Helen de Castro et al. Um espaço para a Fantasia. 1994. (Ensaio APB, 10)
- TOMAZELLI, Angela M. et al. Criança de Periferia não Lê: desmistificação. 1994. (Ensaio APB, 11)
- RIVA, Eliane Barbosa et al. Terceira Idade: programa integrado. 1994. (Ensaio APB, 12)
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. O Espaço da Biblioteca: uma reflexão. 1994. (Ensaio APB, 13)
- VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Leitura Técnica e seu Papel na Pesquisa & Desenvolvimento. Jan. 1995. (Ensaio APB, 14)
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Biblioteca pública: ambigüidade, conformismo e ação guerrilheira do bibliotecário. Fev. 1995. (Ensaio APB, 15)
- VALLS, Valéria. O espaço do bibliotecário no gerenciamento de documentos do Sistema da Qualidade. Mar. 1995. (Ensaio APB, 16)
- CARDIN, Tânia Maria Sanvezzo. Lixo reciclável x incentivo à leitura: uma relação que deu certo no município de Ibiaporá - PR. Abr. 1995. (Ensaio APB, 17)
- LIMA, Justino Alves. Bibliotecas e bibliotecários: o perfil de um caso. Maio 1995. (Ensaio APB, 18)
- MODESTO, Fernando. Apontamentos sobre a ergonomia na implantação e uso do computador na biblioteca. Jun. 1995. (Ensaio APB, 19)
- CÔRTE, Adelaide Ramos e. Memória técnica. Jul. 1995. (Ensaio APB, 20)
- FUJINO, Asa. A gestão da informação no processo de cooperação universidade-empresa: uma visão crítica. Ago. 1995. (Ensaio APB, 21)
- FARIA, Ivete Pieruccini. Livro e leitura no Brasil: alguns aspectos acerca da entrada do impresso no país. Set. 1995. (Ensaio APB, 22)
- SMIT, Johanna. Algumas questões sobre os documentos audiovisuais em bibliotecas. Out. 1995. (Ensaio APB, 23)
- SILVA, Antonio Manoel dos Santos, ALMEIDA, Glaucia Maria Oliveira Barbosa de, BELLUZZO, Regina Célia Baptista. O Plano de Gestão da Qualidade e sua implantação na rede de bibliotecas da UNESP: relato de uma experiência. Nov. 1995. (Ensaio APB, 24)
- VERGUEIRO, Waldomiro C. S. Gestão da Qualidade e Bibliotecas Públicas: o difícil caminho para as instituições brasileiras. Dez. 1995. (Ensaio APB, 25)
- LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte I. Degradação dos materiais. Jan. 1996. (Ensaio APB, 26)
- LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte II. Um modelo de programa local. Fev. 1996. (Ensaio APB, 27)
- SOUZA, Marta Alves de. Internet: a rede global. Mar. 1996. (Ensaio APB, 28)
- MODESTO, Fernando. Combate ao vírus de computador na biblioteca. Abr. 1996. (Ensaio APB, 29)
- BARTALO, Linete et al. A importância da leitura na formação do professor. Maio. 1996. (Ensaio APB, 30)
- ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Sociedade de informação: espaço da palavra onde o silêncio mora? Jun. 1996. (Ensaio APB, 31)
- GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A Legislação profissional do bibliotecário. Jul. 1996. (Ensaio APB, 32)
- MARTUCCI, Elisabeth Márcia. Abordagem qualitativa de pesquisa em biblioteconomia: uma introdução. Ago. 1996. (Ensaio APB, 33)
- MARCHIORI, Patrícia Zeni. Eram os deuses astronautas? ou São os bibliotecários, profissionais da informação? Set. 1996. (Ensaio APB, 34)
- FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 1. Out. 1996. (Ensaio APB, 35)
- FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 2. Nov. 1996. (Ensaio APB, 36)
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Roubo, depredação de materiais e campanhas educativas em bibliotecas: proposta de um modelo de avaliação. Dez. 1996. (Ensaio APB, 37)
- SOUZA, Francisco das Chagas de. O bibliotecário brasileiro e seu humanismo. Jan. 1997. (Ensaio APB, 38)
- LIMA, Justino Alves. Mobilização para uma política de conservação e manutenção de acervos contra o agente biológico humano. Fev. 1997. (Ensaio APB, 39)
- SMIT, Johanna W., MACAMBYRA, Marina M. Tratamento de multimídia. Mar. 1997. (Ensaio APB, 40)
- SANTOS, Jussara Pereira. O ensino de biblioteconomia no Mercosul: propostas de integração e harmonização curricular. Abr. 1997. (Ensaio APB, 41)
- FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Elaboração de tesouros monolíngues com o programa TECER: considerações sobre o uso. Maio 1997. (Ensaio APB, 42)
- BARRETO, Angela Maria. Conversas com quem gosta de informar. Jun. 1997. (Ensaio APB, 43)
- LIMA, Justino Alves. As entidades da biblioteconomia: uma tentativa de globalização e uma iniciativa de intervenção política. Jul. 1997. (Ensaio APB, 44)
- TÁLAMO, Maria de Fátima G. M. Linguagem documentária. Ago. 1997. (Ensaio APB, 45)
- MODESTO, Fernando. O bibliotecário e o mercado de trabalho: alguns comentários. Set. 1997. (Ensaio APB, 46)
- RECINE, Analúcia Viviani dos Santos. Análise de partituras. Out. 1997. (Ensaio APB, 47)

ANÁLISE DE PARTITURAS

Analúcia Viviani dos Santos Recine¹

Para adquirir e catalogar partituras musicais e atender ao público de música sem dificuldades é necessário conhecer a terminologia, os sinais gráficos e informações diversas sobre música em papel. É o que este trabalho se propõe a oferecer.

1 ASPECTOS DA PARTITURA:

1.1 Meio de expressão:

O termo “meio de expressão” foi criado pelo professor Luís Milanesi em 1975, sendo adotado pela biblioteca da Escola de comunicações e Artes - USP, desde esta data. Meio de expressão ou instrumento é o objeto físico utilizado para a execução da música. O meio de expressão abrange todos os instrumentos musicais, instrumentos eletroacústicos, objetos diversos (xícaras de café, canhões, corneta de sorveteiro, etc.) e também as vozes humanas, tanto solistas como reunidas em coros. Todo material utilizado intencionalmente por um compositor para a produção de som (ou silêncio) na música pode ser considerado como meio de expressão.

Na catalogação de partituras deve-se priorizar a descrição e recuperação do meio de expressão, ao lado do autor e título, porque o usuário escolherá sua partitura de acordo com o instrumento que ele sabe executar. Por instrumento que o usuário executa entende-se tanto o piano para o pianista, como a orquestra para o regente.

1.2 Edições diversas:

Uma mesma obra musical pode ter variadas edições com diferentes enfoques para diversos usos. Um aluno em fase de aprendizado pode necessitar de uma edição facilitada, um concertista, da versão original do autor e um pesquisador, de uma edição fac-similada do manuscrito ou da primeira edição. Dessa maneira, o usuário deve ser esclarecido sobre

¹ Bibliotecária da Escola de Comunicações e Artes da USP.

o editor e a instituição responsáveis pela edição das partituras para escolher a que melhor atende às suas necessidades.

1.3 Arranjos e transcrições:

Uma mesma obra musical pode ser editada em diversas versões. As variantes mais comuns que uma música pode ter são:

Arranjo: Nova versão de uma obra musical feita pelo próprio autor ou outra pessoa.

Transcrição: Transposição de uma obra musical para um instrumento ou grupo de instrumentos diferentes dos da versão original.

Orquestração: Arranjo ou transcrição para orquestra de uma obra original para outro instrumento

Redução: Arranjo para um só instrumento ou grupo instrumental de uma partitura original para orquestra e/ou vozes.

O usuário de música tem necessidades bastante específicas em relação aos originais e suas diferentes versões.

Estudantes universitários de composição e regência estudam originais e respectivas reduções, cantores realizam ensaios de óperas com partituras reduzidas para voz e piano, grupos instrumentais escolhem partituras com arranjos para a mesma formação do grupo. Assim, a versão também deve ser descrita na catalogação.

2 TIPOS DE PARTITURAS

2.1 Partitura completa:

A partitura completa, também conhecida como “grade”, mostra a pauta musical com a linha melódica de todos os instrumentos de uma orquestra ou grupo concomitantemente. A grade é utilizada pelo regente que, acompanhando todos os músicos, pode ensaiar e reger a orquestra.

2.2 Parte de execução:

A parte de execução é uma partitura que mostra a pauta de um só instrumento. É utilizada pelos membros de grupos instrumentais e orquestras. Os conjuntos instrumentais necessitam incondicionalmente das partes de execução para tocar uma música, e a existência das partes de execução deve ser citada na catalogação.

2.3 Partituras para voz:

Partituras para voz e instrumentos, ou somente para voz, apresentam um texto ou vocalise a ser cantado. Observar se o texto realmente existe, porque um arranjo ou redução de uma partitura original para coro ou voz, pode ter a parte do canto suprimida.

2.4 Partituras para teclados e harpa:

Partituras para teclado e harpa têm, geralmente, 2 pautas: uma para a mão esquerda e outra para a mão direita, já que as duas mãos trabalham separadamente para a produção do som. Os demais instrumentos exigem que as duas mãos trabalhem conjuntamente para a produção do som. Ex: violão, flauta, etc. Estes instrumentos apresentam uma só pauta em suas partituras. Em partituras para piano a quatro mãos, a página esquerda corresponde ao pianista sentado à esquerda e a página direita corresponde ao pianista à direita do piano.

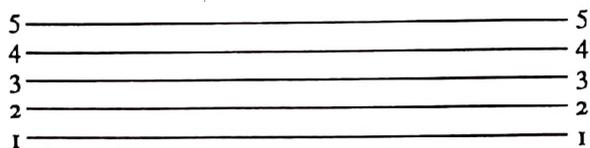
2.5 Partituras para coro:

Partituras para coro apresentam grades como partituras de conjuntos instrumentais, sempre acompanhadas de texto. Raramente partituras de coro são acompanhadas de parte de execução com as vozes em separado, sendo as partituras dos coralistas, idênticas às do regente.

3 SINAIS DA PARTITURA MUSICAL

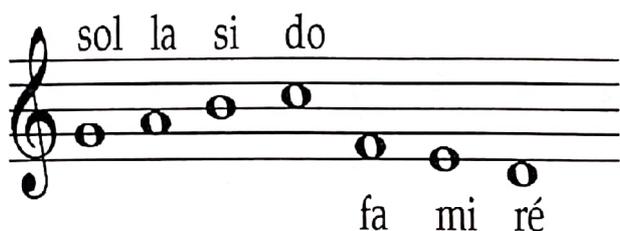
3.1 Pauta:

A pauta ou pentagrama é um conjunto de 5 linhas sobre (e entre) as quais as notas musicais são desenhadas. Considera-se a linha inferior a número 1 e a superior a número 5. As notas mais graves situam-se na parte inferior do pentagrama, e as mais agudas, na parte superior. Para adicionar mais notas ao pentagrama, usam-se linhas complementares.



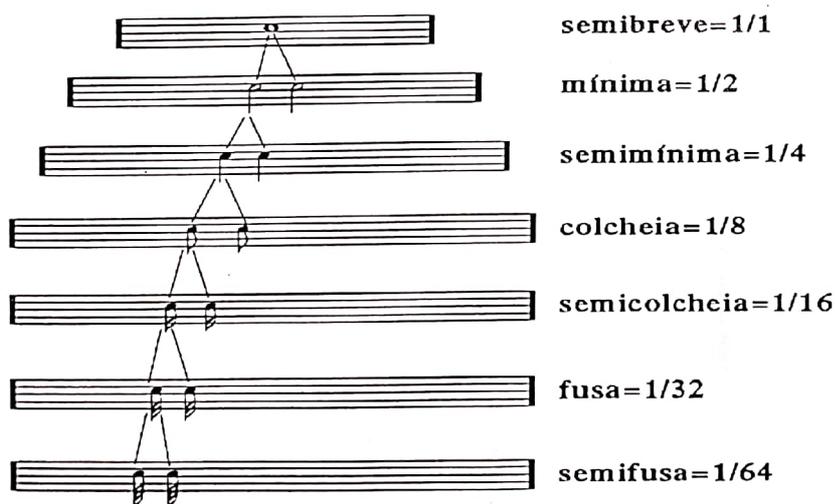
3.2 Posição da nota no pentagrama:

A posição de cada nota no pentagrama será determinada à partir de uma clave (Chave, em latim). Tomaremos como exemplo a clave de sol. Se a clave de sol está na segunda linha do pentagrama, então, a nota posicionada nesta linha será a nota Sol, e as notas consecutivas ascendentes ou descendentes serão desenhadas nos espaços e linhas seguintes. As claves de Fá e de Dó são utilizadas do mesmo modo: A linha na qual a clave começa, indica o nome da nota que dará seqüência às outras.



3.3 Valor:

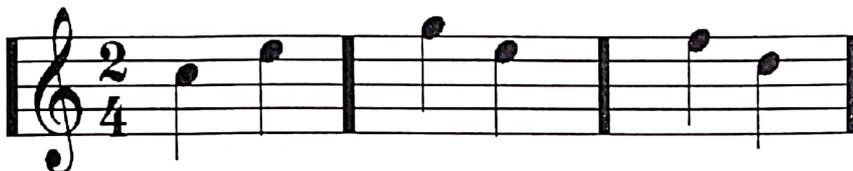
O valor de uma nota corresponde ao seu tempo de duração, ou seja, o tempo que o som se prolonga. Para representar esta duração, as notas serão desenhadas com a cabeça branca ou preenchida, com ou sem hastes e com até 3 caudas. Essas imagens são chamadas de figuras. São sete as figuras que representam a duração do som, sendo que cada figura equivale à metade da outra, conforme o esquema abaixo:



3.4 Ritmo e compasso:

A maneira mais simples de se entender a divisão de um compasso é usando a dança como exemplo: uma valsa tem 3 tempos, 3 valores de mesma duração, um forte e dois fracos. Este conjunto de 3 tempos será chamado de compasso. Os compassos são cíclicos, ou seja, completando-se, imediatamente recomeçam até que a música se acabe. São separados por barras ou travessões, e indicados numericamente no início do pentagrama, logo após a clave.

Ex:

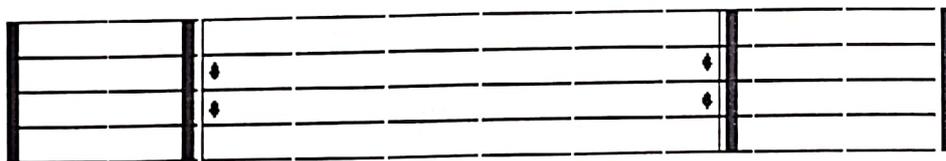


O número superior indica quantos tempos o compasso possui (uma valsa possui 3, uma marcha 2, etc.) e o inferior será a unidade de compasso, ou seja, a nota que valerá 1 tempo neste compasso, conforme o esquema do item 3.3.

3.5 Barras Duplas:

A partitura convencional sempre é concluída com barras duplas. Esta informação é preciosa para conferir se uma partitura está incompleta, caso a capa e as últimas páginas estejam, teoricamente, desaparecidas. Se a última linha da última página apresentar barras duplas, a partitura está completa.

Duas barras duplas acompanhadas de 2 pontos no decorrer da música, indicam que o trecho destacado deverá ser repetido. Esse procedimento chama-se ritornello ou retrocesso.



3.6 Andamento:

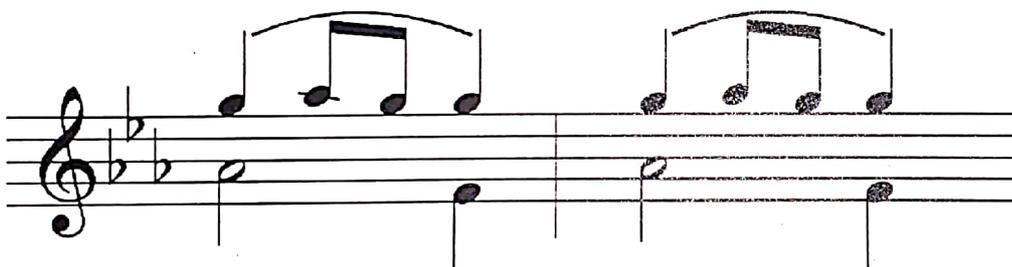
O andamento, colocado no início da pauta musical, indica muito mais que a velocidade, o espírito que a música deverá ser tocada. Os andamentos são tradicionalmente designados com nomes italianos tais como: allegro, andante, largo, presto, etc.

Muitos compositores indicam andamentos em sua língua pátria, mas a idéia a ser transmitida é sempre a mesma, a velocidade e o espírito da música. Outros ainda, utilizam o nome do andamento como título da obra. A partitura deve ser catalogada normalmente, sendo adotado como título o nome do andamento, de acordo com o desejo do compositor.

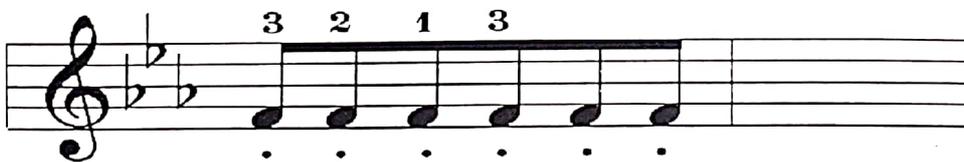
3.7 Sinais de dinâmica:

Sinais de dinâmica representam de que maneira o som deve ser extraído do instrumento musical ou da voz. Mostram como e quando a música deve ser acelerada ou ter sua velocidade reduzida, que uma ou várias notas devem ser tocadas de maneira mais contundente ou mais suave, e se o volume do som deve sofrer variação. Alguns exemplos:

Ligadura: para indicar sons ligados uns aos outros



Staccato: para indicar notas com os sons destacados uns dos outros



sinal regulador: para aumentar ou diminuir o volume do som

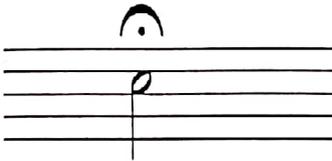


diminuir volume



aumentar volume

Fermata: para prolongar o som



4 COMO UTILIZAR ESTAS INFORMAÇÕES NO PROCESSAMENTO:

4.1 Comparação entre duas partituras

Quando existir dúvida se uma partitura é igual à outra, comparar os elementos na seguinte ordem:

1. Desenho geral da partitura
2. Clave
3. Compasso
4. Desenhos de notas iniciais e finais

Se esses quatro elementos correspondem, então estamos diante de uma mesma obra musical.

5. Andamento
6. Sinais de repetição
7. Sinais de dinâmica
8. Numeração de páginas e respectivo desenho da partitura coincidem

Se esses outros quatro elementos também são idênticos, então estamos diante de uma mesma edição da obra musical, mesmo que a editora possa ter publicado com outra capa, outro papel, outra data, etc.

4.2 Comparação entre uma grade e uma parte de execução:

1. Localizar na grade o instrumento para o qual a parte de execução foi escrita. Caso o nome do instrumento não esteja escrito na parte de execução ou na grade, procurar na grade as pautas que contenham a mesma CLAVE que a da parte de execução.
2. Comparar cada uma dessas pautas (as que possuam a mesma CLAVE), com a parte de execução, conforme o item 4.1: clave, compasso, desenho das notas, andamento, sinais de repetição e sinais de dinâmica. Obviamente, a numeração de páginas será outra.

4.3 Comparar trechos de música com partitura completa:

Caso exista a edição parcial de uma obra, como um movimento de concerto, ou ária de ópera, esse trecho, movimento ou ária deverá ser catalogado à partir da obra completa, devendo ser indicado em sub-título que se trata de um excerto. Alguns exemplos:

Haendel. Messias: Alleluia

Mendelssohn. Sonhos de uma noite de verão: Marcha nupcial

Beethoven. Sinfonia n.7, op.92, Lá maior: Allegretto

Schumann. Kinderszenen op.15: N.7, Traumerei

Para conferir se esse excerto pertence à obra maior, deve-se realizar pesquisa em catálogos de obras do autores, encontrados em obras de referência especializadas. Para conferir ou confirmar suas pesquisas, localizar o trecho em uma partitura completa e repetir os procedimentos do item 4.1.

5 RESUMO:

Num catálogo de partituras, deve-se descrever e informar ao usuário:

Autor

Título de obra completa

Sub-título (título excerto)

Meio de expressão

(Coro, voz solista, instrumento solista, grupo instrumental, orquestra, etc.)

Editora

Edição (facilitada, fac-símile, revisada ou dedilhada por alguma pessoa em especial)

Versão

Original (Informação opcional)

Arranjo ou transcrição (Informação obrigatória)
Autor do arranjo ou transcrição
Tipo de partitura
Partitura completa, com o número de páginas
Partitura-completa, com partes de execução
Partes de execução

6 EXEMPLOS:

Aguiar, Ernani, 1950-
O sacrum convivium
Coro SATB, tenor solista
Cópia heliográfica, 8p.

Mendes, Gilberto, 1922-
Vai e vem
Coro SATB, toca discos (Sinfonia Júpiter de W. A. Mozart), pente e papel de seda,
bongos gravados em fita magnética e flauta doce
Texto: Gruenwald, José Lino
São Paulo, ECA-USP, 1972, 8p.

Mozart, Wolfgang Amadeus, 1756-1791
Deuscher Tanz
Violino e piano
Arranjo de Willy Burmester
Berlin, Schlesinger, 1906
Partitura (p.8-9) e parte

Tchaikovsky, Peter Ilyich, 1840-1893
Quebra-nozes op.71a, Suíte
Orquestra
New York, Dover, 117p.

Obs.: Exemplos selecionados da Base de dados ACORDE, pertencente ao Serviço de Biblioteca e Documentação da Escola de Comunicações e Artes-USP.

BIBLIOGRAFIA

ANGELIS, E. de. *Método de piano*. Ed. de Francisco Russo. São Paulo: Casa Wagner, [s.d.]. 40p.

ARCANJO, Samuel. *Lições elementares de teoria musical*. São Paulo: Ricordi, 1918. 281p.

CHOPIN, Frédéric François. *Walzer*. Muenchen: G. Henle Verlag, 1978. 96p.

DIABELLI, Anton. *Melodische Uebungsstuecke im Quint-Umfang*. Kobebhavin: Wilhelm Hansen, [s.d.]. 41p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [s.d.]. 1499p.

SCLIAR, Esther. *Elementos de teoria musical*. 2.ed. São Paulo: Novas Metas, 1986. 181p.